

O caso Tiffany Abreu na comunidade virtual “Quebrando o Tabu”: entre o preconceito e o estigma

RESUMO

Thiago Camargo Iwamoto

E-mail:

thiagoiwamoto@outlook.com

Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil

Dulce Maria Filgueira de Almeida

E-mail: dulce.filgueira@gmail.com

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

O objetivo do presente trabalho é analisar o conteúdo de comentários emitidos por participantes de uma publicação na página “Quebrando o Tabu”, particularmente no que refere ao estigma e preconceito sobre o caso da jogadora de voleibol, Tiffany Abreu. A pesquisa é de natureza quanti-qualitativa, tendo como método de investigação a Análise de Redes Sociais no Facebook, onde se colheu comentários na publicação sobre o ingresso de pessoas transexuais no esporte durante o mês de fevereiro de 2018. A Análise de Conteúdo, ancorada em Bardin (2016), foi utilizada como ferramenta metodológica. Os dados foram categorizados no software NVivo11. O caso de Tiffany Abreu se tornou emblemático, gerando repercussão em distintas redes sociais. Ficou evidente, a partir da análise apreendida, que foram proferidos comentários depreciativos, reforçando padrões normativos e que difunde a estigmatização e o preconceito com a jogadora, sobretudo ao que se refere à jogabilidade e a sua legitimação enquanto mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Transgênero. Estigma. Redes Sociais. Quebrando o Tabu. Esportes.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se apresenta como um recorte de uma tese de doutorado e tem como objeto pessoas transexuais e o esporte. Pretende-se entender como se dá a inserção de atletas transexuais no universo esportivo, considerando as redes sociais. Elegeu-se o caso Tiffany Abreu, atleta transexual de voleibol feminino, como caso a ser investigado e, a rede social Facebook na página “Quebrando o Tabu”, como campo empírico-virtual da investigação. Para tanto, objetivamos analisar o conteúdo de comentários emitidos por participantes de uma publicação na página “Quebrando o Tabu”, particularmente no que refere ao estigma e preconceito sobre o caso da jogadora de voleibol, Tiffany Abreu.

O esporte é considerado como um dos maiores e mais importantes fenômenos socioculturais da contemporaneidade (BOURDIEU, 1990), não tendo impacto somente sobre a técnica e a tática, mas com aspectos gerais e sociais da humanidade. Wagner de Camargo (2014) aponta que o esporte tem convergido para a distinção entre homens e mulheres, ou seja, leva-se em consideração as habilidades físicas e características da modalidade para definir a qual universo pertence. O esporte, como um fenômeno social, constitui-se como um *ethos*, cujo significado é o de expressar um sistema de valores determinado. Estudos realizados por João Paulo Soares e Ludmila Mourão (2017) defendem que o esporte reproduz um conjunto de convenções sociais estabelecidas, notadamente, do ponto de vista da hegemonia masculina (BOURDIEU, 1990).

No âmbito do esporte mundial, desde 2004 o Comitê Olímpico Internacional (COI) vem buscando aperfeiçoar políticas de inclusão de pessoas transexuais¹ nos esportes olímpicos. No final de 2015 foram reformulados os critérios para inclusão de pessoas transgêneras, com o intuito de haver uma maior equidade e seguridade para todos durante as competições (IOC, 2015). No *Consensus Meeting on Sex Reassignment and Hyperandrogenism* (IOC, 2015) foi definido normas e critérios para que homens e mulheres transexuais pudessem participar na categoria de acordo com a identidade de gênero.

Manteve-se a necessidade da pessoa se reconhecer com o gênero que se identifica, fazer o tratamento hormonal e manter no máximo 10 nmol/L de testosterona no sangue nos últimos doze meses para a primeira competição. O COI, mesmo sendo questionado sobre a decisão de inclusão de pessoas transexuais, tem uma equipe multidisciplinar e que compõe o *Consensus Meeting* para definir parâmetros que sejam relevantes para a inserção de pessoas transexuais. Ademais, este Comitê considera a necessidade de avaliar cada caso de forma particular, deduzindo que o período de doze meses pode ou não ser suficiente para minimizar as desvantagens no caso de mulheres transexuais (IOC, 2015).

Com isso percebe-se que há por parte do COI, ou do esporte, uma certa visão que permitiria a inserção de debates acerca das pessoas transexuais nos esportes, o que poderia redefinir visões de mundo e colaborar para pôr em xeque o *ethos* do esporte e ressignificar *habitus* e padrões socialmente estabelecidos. A justificativa para a escolha do tema se deve ao fato de que se acredita que o universo esportivo vem adotando uma perspectiva inclusiva de atletas transexuais desde a aprovação por parte do Comitê Olímpico Internacional (COI), da Federação Internacional de Voleibol (FIVB) e da Confederação Brasileira de Voleibol (CBV) da

participação de atletas transexuais em competições nas mesmas condições de igualdade e equidade.

Conquanto, apesar de o esporte, notadamente o voleibol, ser, como afirmam Leandro de Brito, Vanessa Pontes e Eirk Pereira (2016), um ambiente híbrido e que respeita a pluralidade de manifestações identitárias, ainda é possível verificar inúmeras restrições e preconceitos. Isto porque o esporte, como uma instituição social, muitas vezes reforça padrões sociais hegemônicos, sobretudo o binarismo de gênero. Mesmo que seja uma discussão delicada a se fazer, haveria a necessidade de repensar o espaço esportivo, oportunizando condições de ingresso e permanência a todas as pessoas.

Do ponto de vista metodológico, a pesquisa, de natureza quanti-qualitativa, pode ser definida como uma Análise de Redes Sociais (ARS) (FREEMAN, 1996; WASSERMAN; FAUST, 1994), nos moldes de grupo focal, onde se acompanhou e colheu comentários acerca do caso Tiffany a partir do dia em que foi problematizada a questão na página “Quebrando o Tabu”, campo empírico-virtual. Para a análise dos sentidos e significados dos comentários (linguagem verbal) foi realizada a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016), utilizando-se de conteúdos que foram extraídos dos próprios comentários dos participantes da página “Quebrando o Tabu” da rede social Facebook. Foi utilizado o *software* NVivo11 como ferramenta para auxiliar a análise proposta.

Este artigo está dividido em três partes. Primeiramente, apresentamos o percurso metodológico e o delineamento da pesquisa, identificando o lócus, a chamada da publicação da página supracitada, o número de comentários, curtidas e reações (linguagem não verbal – *emojis*) e os procedimentos para análise dos comentários. Logo em seguida, os resultados alcançados e suas análises, subdivididos em dois momentos, um que analisa os comentários categorizados como discursos estigmatizadores e outro, como preconceito. E, por fim, as considerações finais, que entendemos serem transitórias e limitadas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A investigação, de natureza quanti-qualitativa, pode ser caracterizada como uma pesquisa em redes sociais e se pauta na ARS (FREEMAN, 1996; WASSERMAN; FAUST, 1994). Trata-se de um método desenvolvido por pesquisadores da sociologia, psicologia social e antropologia cujo objetivo é entender as novas dinâmicas sociais estabelecidas conforme as redes, formadas por indivíduos ou grupos. Esses indivíduos ou grupos formam “nós” e estabelecem relações num mundo virtual da rede social.

No caso em tela, a ARS se baseou-se na página “Quebrando o Tabu”² da rede social Facebook, entendendo-a como o campo empírico-virtual da pesquisa. O estudo transcorreu nos moldes de grupo focal, em que foi lançada uma pergunta pela página “Quebrando o Tabu” e os pesquisadores acompanharam as respostas online, sem interagir, isto é, sem emitir qualquer comentário ou opinião. A coleta das informações ocorreu durante o mês de fevereiro de 2018, quando foi lançada a pergunta propositiva naquela página, a saber:

Uma polêmica compreensível. Mas o fato é que, depois de pesquisas com médicos esportivos, o Comitê Olímpico Internacional (que é

quem decide) decidiu que mulheres trans podem jogar em times femininos em pé de igualdade desde que tenham a quantidade de testosterona controlada. E esse é o caso de Tiffany. Porém, não deixa de ser um caso completo. Você tem alguma opinião? (QUEBRANDO O TABU, 2018, s.p).

Segundo Bernardete Gatti (2005), a abertura do grupo é o momento mais importante, posto que ele pode favorecer ou não a participação dos membros do grupo, no nosso caso, dos membros da página. Notadamente, ainda que o moderador não fosse identificado, posto que na qualidade de pesquisador assumia uma função de observador, os participantes se encontravam livres para emitir suas opiniões.

A descrição dessa página sugere que ela respeita a pluralidade de opiniões, tendo a descrição “Por um mundo mais bem informado e menos careta” (QUEBRANDO O TABU, 2018, s.p). Para tanto, a página realiza publicações sobre temas diversos e, em geral, de situações polêmicas, de modo a suscitar que os participantes se posicionem. Desde sua criação, a página conta com mais de onze milhões seguidores e mais de dez milhões curtidas, dados que sofrem constantes modificações ao longo do tempo.

Foram considerados os seguintes dados observados durante o mês de fevereiro de 2018: 1,5 mil comentários, 172 compartilhamentos e 4,2 reações divididas em 2,9 mil *likes*, 638 *emojis* de corações, 516 *emojis* de raiva, 74 *emojis* de gargalhada, 44 *emojis* chorando e 43 com cara de espanto (QUEBRANDO O TABU, 2018). Todos, obviamente, relativos à pergunta lançada sobre o caso da jogadora transexual Tiffany Abreu.

Para a realização da ARS utilizamos a Análise de Conteúdo, conforme modelo proposto por Lawrence Bardin (2016). Bardin (2016, p. 37) conceitua a Análise de Conteúdo como sendo um “[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações”, havendo uma diversidade de possibilidades para leitura e análise de inúmeras informações. A chamada e os comentários presentes na referida publicação foram considerados como uma forma de expressão dos atores sociais (participantes da página), sendo o ponto de partida para a Análise de Conteúdo proposta por esse estudo.

Buscamos compreender as questões de sentido e significado da linguagem verbal emitida na publicação. Desse modo, foi seguida a propositiva organizacional de Bardin (2016) para a Análise de Conteúdo, onde realizamos a pré-análise ou organização do material, codificação, categorização, tratamento, inferência e interpretação dos dados. Sendo o elemento semântico utilizado como unidade de registro. Para auxiliar o processo de análise utilizou-se o *software* Nvivo11³. Embora esse estudo tenha a natureza qualitativa como característica principal, foi empreendido uma observação quantitativa das frequências das palavras para traçar quais foram as mais salientadas, o que não descaracteriza o perfil qualitativo da pesquisa em razão da natureza do nosso objeto, qual seja, pessoas transexuais, especificamente o caso Tiffany, e o esporte.

No total foram analisados 623 comentários emitidos por 218 sujeitos que se distribuíram nas categorias: sexo / gênero / identidade de gênero; esporte de alto rendimento; estigmas e legislação; estigmas e preconceito. Considerando as limitações do presente artigo, elegemos para ser apresentado neste artigo, os comentários que dizem respeito às categorizações estigma e preconceito. Foram

categorizados e analisados 42 comentários que foram considerados como prototípicos da categoria estigma e 77 comentários para preconceito.

A organização das categorias se deu a partir da pré-análise, seguido por uma codificação e organização das unidades de registro a partir dos temas, nesse caso, estigma e preconceito. O tratamento, inferência e a interpretação dos dados considerou os elementos constitutivos da comunicação (emissor, receptor, mensagem e médium) e a relação estabelecida entre eles. Foi dado ênfase no elemento mensagem, uma vez que é considerado como ponto principal da Análise de Conteúdo, por ser carregado de códigos e significado (BARDIN, 2016).

RESULTADOS E DISCUSSÃO: PRECONCEITO E ESTIGMA REFORÇADOS EM REDE SOCIAL

Conquanto a publicação tenha tido um maior número de comentários (1,5 mil), analisamos os comentários que os algoritmos do programa *Facebook* consideraram mais relevantes. Com base na pesquisa realizada, codificamos 42 comentários como representantes da categoria estigma e 77 comentários para a categoria preconceito. O termo estigma:

[...] será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem horroroso nem desonroso. (GOFFMAN, 1988, p. 6)

A partir da compreensão do conceito conforme disse Erving Goffman (1988), compreendemos que o termo estigma é uma forma de classificar as pessoas conforme um conjunto de atributos (positivos ou não), consoante marcas e símbolos, por vezes, considerados como destoantes do que é normatizado. Acredita-se que é uma forma de reforçar as normatividades estabelecidas socialmente. Esse descrédito provém de uma sociedade que ainda é alicerçada por paradigmas tradicionais, onde há uma naturalização do gênero de acordo com o sexo, ou seja, de uma ordem compulsória entre sexo, gênero e desejo (BUTLER, 2017).

Já a ideia de preconceito está atrelada a uma visão preconcebida sobre algo. Constitui-se com base num julgamento, ele por si provoca e incomoda, gerando uma indignação, como afirma as autoras abaixo, com base numa análise feita acerca do estigma e preconceito com presidiários e suas famílias (notadamente seus filhos). Aproveitamos aqui a citação das autoras:

Se o preconceito é algo que emerge nas falas dos entrevistados como algo que incomoda e provoca indignação, o estigma evidencia algo que extrapola uma atitude de julgamento, como “sinal infamante, indigno e desonroso, mancha infamante na reputação de alguém” pressupõe a contaminação, o contágio, a transmissão, tornando urgente e necessário o isolamento do agente contaminador. Essa ideia de contágio parte em alguma medida da crença de que algo foi herdado ou adquirido no convívio social (SCHILLING; MIYACHIRO, 2008, p. 248).

Vê-se com isso que há um binômio construído entre preconceito e estigma, à medida que o estigma extrapola uma atitude de prejulgamento, sugerindo uma espécie de “contaminação”, “contágio”. No caso da atleta Tiffany e outras pessoas transexuais, os estigmas são presentes como forma de reforçar que não estão dentro dos padrões da cisnormatividade, sendo consideradas pessoas dissidentes, detentora de um corpo abjeto (LANZ, 2015).

a) Estigma

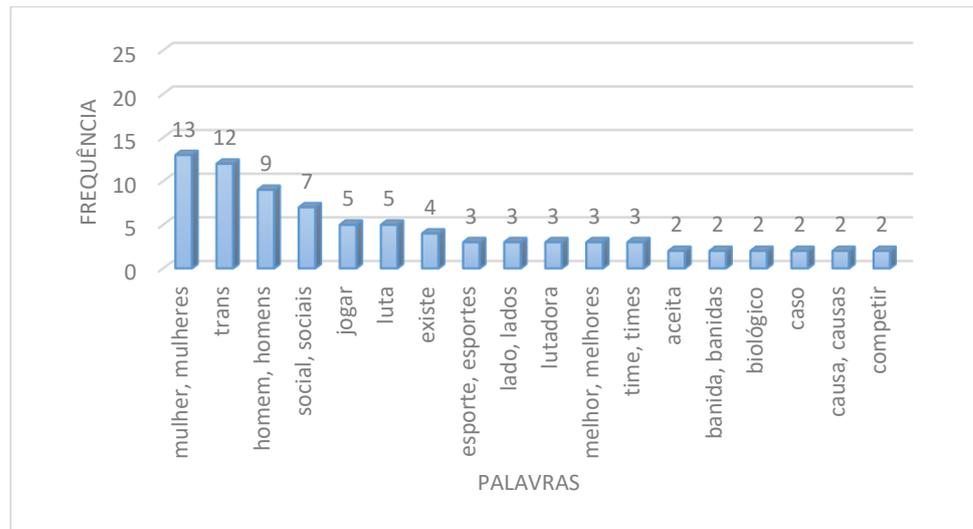
A partir da análise de frequência de palavras, identificamos a maior utilização/frequência dos termos mulher(es), trans e homem(ns) (Figura 1 e Gráfico 1). Ficou evidente que há opiniões que acabam estereotipando e deslegitimando a jogadora Tiffany, o que se estende a outras pessoas transexuais. O mais marcante é a presença de estigmas que ainda a identificam como homem, baseando na biologia e crenças pessoais, o que a torna alvo de discriminação.

Figura 1 – Nuvem de Palavras da categoria Estigma.



Fonte: Os autores (2020).

Gráfico 1 – Frequência de palavras mais utilizadas na categoria Estigma.



Fonte: Os autores (2020).

Essas informações denotam que a maior parte dos comentários estão centrados no binarismo homem/mulher. Somando-se a isso, alguns comentários são importantes de serem aqui destacados devido ao fato do estigma ser expresso e percebido a partir das análises das sentenças completas e não, unicamente, pela análise das palavras (frequência) e de forma fragmentada.

Repetindo, não é questão social, é médica. É de justiça. (Ator B)

Não estou afirmando que é machismo mesmo. Só me surgiu essa dúvida se seria biológico, ou se fomos condicionados a isso. (Ator AS)

Semana passada uma lutadora trans nocauteou uma mulher em luta na Ásia, o juiz demorou para finalizar a luta, resultado, edema cerebral e morte da lutadora, a mesma só aceitou a luta pq senão a fizesse, seria expulsa da federação do país [...] (Ator CK)

Na verdade não existe mulher trans ele é homem e fim de papo! (Ator EL)

outro detalhe enquanto homem Tiffany jogou em times menores e não conseguiu melhor colocação. ela tem uma formação tão superior que entrou arrebatando no feminino e tá aí, nos melhores times (Ator HE)

Como se percebe pelos dados expostos acima, bem como pelos comentários destacados, há o reforço de uma visão preconcebida que apela para inexistência de pessoas transexuais ou mesmo para o discurso médico ou biologicista. Sobre as mulheres transexuais, Rodrigo da Silva, Waldez Bezerra e Sandra de Queiroz (2015), corroboram com a propositiva de que “Os processos depreciativos vividos por elas influem em toda a organização de suas subjetividades, construídas ao longo das relações que estabelecem com os outros, com o mundo e consigo mesmas.” (p. 368). E ao estigmatizar a jogadora transexual, acabam por impactar sobre as sensações e sentimentos, intensificando a possibilidade de desenvolvimento de transtornos (ansiedade, síndrome do pânico, depressão e outros).

Os comentários analisados carregam características que afetam diretamente a todas pessoas transexuais. Para tanto é importante identificar que a transgeneridade é uma forma política de se identificar frente às instituições culturais, políticas, religiosas e sociais, rompendo com os dispositivos binários de gênero (LANZ, 2015; DOS ANJOS, GOELLNER, 2017). Os atores sociais ao emitirem falas tendenciosas e que desrespeitam a legitimidade das identidades de gênero das pessoas, (re)produzem as relações de poderes que são construídas pela sociedade, desvalorizando aqueles que não seguem a normativa e a ordem compulsória de sexo e gênero.

Esse esquema analítico apresenta-se complementar ao conceito de violência estrutural, que é caracterizada como uma violência evitável, indireta ou indiretamente relacionada à desigual distribuição do poder na sociedade, configurando, desse modo, sistemas sociais irregulares. Essas estruturas socioeconômicas desiguais compulsoriamente produzem o afastamento do transexual do gozo dos seus direitos. (MORERA; PADILHA, 2016, p. 131)

Os atores sociais ao (re)produzirem essas relações de poder acabam patologizando as pessoas transexuais, logo, atingindo a individualidade de cada, ou seja, é questionado o “ser” enquanto pessoa que possui liberdade, autonomia e direitos (MORERA; PADILHA, 2016). É certo que a disseminação desses estigmas tem consequências diretas sobre as pessoas transexuais, uma vez que desmoraliza e minimiza essas identidades.

Fica claro as diversas tentativas de desmoralização, sobretudo pela difamação e propagação de *fake news*, como a citada pelo ator CK, de que uma lutadora transexual teria sido a responsável pelo falecimento de uma lutadora cisgênera. Situação que já foi comprovada como informação falsa. Nesse sentido, divulgações de *fake news* também são responsáveis pela consolidação dos estigmas e preconceitos, por conseguinte.

Mediante a toda situação (re)produzida, pelos comentários das redes sociais, atitudes e ações no cotidiano, além da cisnormatividade, as pessoas transexuais se tornam abjetos para a sociedade, se tornam mais vulnerável à discriminação e violência. Essa situação amplifica a possibilidade de pessoas transexuais se tornarem invisíveis e se reclusarem socialmente. Essa discriminação e a violência estrutural não dão condições para as pessoas se reafirmarem no trabalho, na escola, na saúde, em outros âmbitos e acesso aos serviços.

Renê Braga (2018, p. 214) aponta que:

O discurso de ódio seria aquele que apresenta como característica a estigmatização de um indivíduo ou grupo identificável de indivíduos. A estigmatização seria, ainda, direcionada ao insulto, à perseguição ou à privação de direitos.

Ou seja, no caso da jogadora Tiffany e toda a repercussão que houve no ciberespaço e na postagem da página “Quebrando o Tabu”, fica evidente que há uma estigmatização, logo uma segregação e discussão sobre a jogabilidade. O discurso de ódio se configura através dos insultos, esses que ficam claros ao analisar os questionamentos sobre a elegibilidade da jogadora, principalmente no que concerne a identidade de gênero da Tiffany.

Observa-se com base nos comentários, a presença de violência simbólica nas falas dos sujeitos analisados. Os posicionamentos são enfáticos em discriminar as pessoas transgêneras, nesse caso as mulheres transexuais. Ademais, as tentativas de implementação para definir o sexo como único e exclusivo critério marcador para ingresso nas categorias esportivas reforçam a dinâmica binária e a perspectiva biologista, que é o discurso científico dominante.

É perceptível a falta de respeito e conhecimento sobre pessoas transexuais, estigmatizando-as. Por certo, as redes sociais não são espaços com fronteiras e limites bem definidos quando comparados às organizações geográficas, territoriais e políticas. Esses espaços oportunizam que atores sociais expressem opiniões, muitas discriminatórias, podendo fugir de determinadas convenções sociais, do que é certo ou errado (MARTINO, 2015). No entanto, longe de serem opiniões fundamentadas em um conjunto de conhecimentos científicos, são definidas por valores sociais e culturais, muitos deles preconceituosos. Mesmo diante dessa percepção, consideramos o que Guacira Louro (2004) aponta como a “metáfora da viagem”, sobretudo quando relacionado aos aspectos da cultura, essa que tem influência sobre as pessoas, posicionamentos, modo de ser, estar e pensar.

b) Preconceito

Já a categoria preconceito, como anteriormente ressaltado, pode ser compreendida como manifestação desinformada sobre determinados assuntos, além de ter relação com o processo histórico, cultural, político, social e educacional dos atores sociais. Consideramos como um conjunto de informações insipientes sobre as diversidades de sexo, gênero e sexualidade, no caso desse trabalho. Assim:

[...] preconceito, usualmente incorporado, é a mola central e o reprodutor mais eficaz da discriminação e da exclusão, portanto da violência. Ele tem como objetivo a percepção falsa e/ou incompleta da situação que lhe é apresentado, criando uma imagem distorcida e/ou contrária dos padrões que a sociedade exige, constringendo todo aquele que não cumprir o papel que seu gênero de origem pede, como uma ordem, uma obrigação. (DA SILVA; MOURA; LOPES, 2018, p. 107)

Com base nos 77 comentários analisados, verificamos que a nuvem de palavras (Figura 2) pode ser assim apresentada:

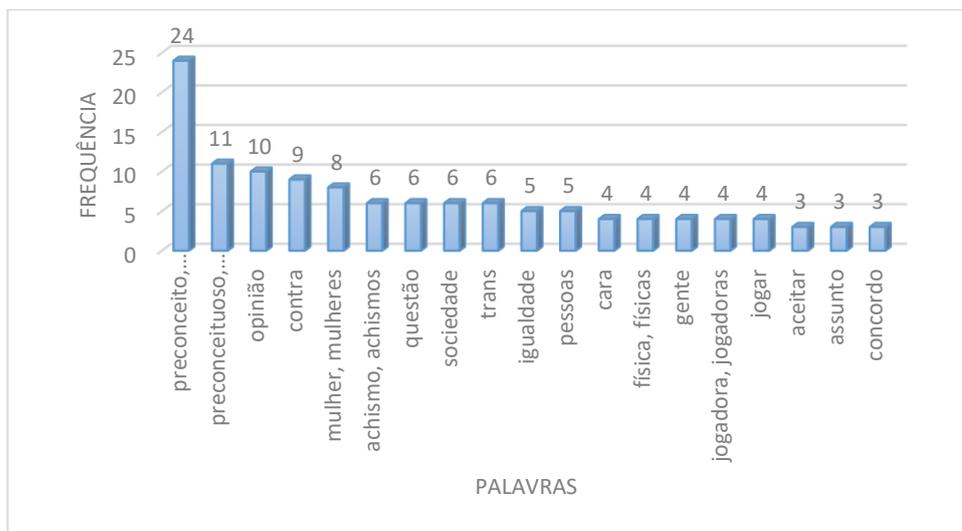
Figura 2 - Nuvem de Palavras da categoria Preconceito.



Fonte: Os autores (2020).

Os comentários analisados estão apresentados graficamente (Gráfico 2) a seguir:

Gráfico 2 - Frequência de palavras mais utilizadas na categoria Preconceito.



Fonte: Os autores (2020).

Analisando os dados acima expostos, verificamos que se adicionarmos o termo preconceito ao preconceituoso teremos uma maioria significativa, isto é, estas palavras foram utilizadas 35 vezes.

Uma das falas ajuda-nos a entender o contexto da utilização do termo preconceito/preconceituoso, a saber:

O preconceito pode estar disfarçado com uma argumentação que parece boa, mas sempre precisamos desconstruir a argumentação para validá-la (Ator E).

Ao camuflarem o preconceito como forma de opinião, os atores sociais tentam minimizar as informações de maneira que não se comprometam em suas falas. Adicionalmente, outras falas reforçam o comentário do Ator E, vejamos:

Aceitar que ela é superior, não faz ninguém preconceituoso, apenas alguém que vê o que está na cara. (Ator B)

É uma opinião de leiga, mas pelo que tenho lido, não é uma questão de preconceito e sim de igualdade no esporte. (Ator BB)

já a Tiffany não, ela é homem, mas fazer o que se hoje ninguém mais quer se indispor, por acharem que isso seria homofobia, o que não é. (Ator DE)

[...] não é preconceito mas não existe pé de igualdade a força é outra, os hormônios são outros aaaaaaa (Ator BG)

Que coisa mais chata ... tudo é preconceito aff.. Não concordo como vários aqui ... e isso não nos torna preconceituosos .. até pq isso é questão de ter senso... (Ator EU)

Diante dos dados apresentados acima, compreendemos, também, que muitos sujeitos sociais não possuem conhecimento técnico e específico para tratar sobre os assuntos. Muitos desses apresentam seus posicionamentos consoante valores morais ou preconceitos pessoais, religiosos, éticos, políticos, etc. Nesse sentido, o discurso biologicista, isto é, aquele que aponta para a caracterização das diferenças de gênero conforme o sexo, se tornam características definidoras para classificar em qual categoria os atletas transexuais poderão competir.

Resgatamos a ideia de Judith Butler (2017), gênero é independente do sexo e do desejo, ou seja, “Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante [...]” (p. 26). A perspectiva de gênero não afasta da parte biológica, mas considera a cultura como algo fundamental nessa construção identitária, sendo considerada a partir de uma perspectiva pré-discursiva, assim como a identidade de gênero. A construção das identidades de gênero está interligada a símbolos, signos e códigos que são fundamentais no processo de subjetivação dessas identidades. Diferente das pessoas cisgêneras, as transgêneras são consideradas abjetos pela sociedade, sendo estigmatizadas, discriminadas e violentadas.

O preconceito e todas as consequências provindas deste é um fato presente na sociedade, seja de maneira velada ou não. Alessandra Fleury e Ana Torres (2010) apontam que características econômicas, físicas, de gênero e sexualidade, etnia, situação cultural geográfica, etc, são fatores que categorizam os preconceitos. Como um grupo minoritário, as pessoas LGBTI⁴ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Intersexos) são alvo de práticas de preconceitos provindos de estigmas produzidos socialmente e, muitas vezes, reforçados em redes sociais, como se evidencia no caso em tela. Não obstante, o grupo de pessoas transgêneras é estigmatizado e incompreendido, simplesmente por não seguir a normatividade cisgênera instituída na sociedade. Esses estigmas e preconceitos inviabilizam que essas pessoas se integrem efetivamente em espaços sociais, restando-lhes muitas vezes a vida à margem da sociedade.

Como exposto anteriormente, o preconceito é frequentemente velado, como afirma Fleury e Torres (2010, p. 59-60),

É precisamente por isso que quase ninguém assume ser preconceituoso. Frequentemente ouvimos as pessoas dizerem: “Eu não tenho preconceito, mas não gosto de lésbicas”. Tem-se aí uma evidente contradição: ninguém que ser rotulado de preconceituoso, pois essa palavra é pejorativa, equivalendo à ignorância, intolerância, superstição, julgamento antecipado [...]. Assim, na autoavaliação das pessoas, elas acreditam não serem preconceituosas.

Concordamos com essa perspectiva, sobretudo ao identificar que vários comentários da publicação analisada se autoavaliam como não sendo preconceituosos. Entretanto, é evidente que os discursos são carregados de estereótipos (estigma) que visam depreciar a atleta Tiffany, utilizando-se de vários critérios como a fisiologia, a igualdade nos esportes, entre outros. Reforçamos que todas as formas de preconceitos emitidas tentam ser disfarçadas por meio de argumentações que, para alguns, parecem satisfatórias.

Expressões pejorativas foram igualmente utilizadas de modo a agredir, expor e afetar a jogadora e sua imagem. O ator AQ expressa: “Oq tem de feminista se calando sobre o assunto não é brincadeira. Se for contra vai atingir suas manas ‘traveco’, se for a favor atinge as mulheres. Bando de hipócritas com essa ideologia furada, depois reclamam de serem tachadas de idiotas” e o ator FJ: “ela é um ‘traveco’, ‘traveco’ o Ronaldo entende e continua sendo homem, tira uma célula do corpo pra ver se é mulher vtnc”.

Tal forma de tratamento ou de “destrato” se pauta em um discurso preconceituoso que é gerador “[...] de uma ideologia de destruição a grupos e formadora de estereótipos e estigmas, sendo ao mesmo tempo formadora, propagadora e objeto final da violência.” (CUNHA; DOS SANTOS; 2014, p. 14). E as redes sociais, nesse caso o *Facebook*, reconhecido como um ambiente sem fronteiras definidas e possibilita a disseminação de discursos preconceituosos.

Os comentários preconceituosos emitidos na publicação em análise são registros de violência simbólica não só à atleta, mas dirigido a todas as pessoas transexuais. Pelo fato de Tiffany ter sido a primeira jogadora transexual a participar de uma competição de alto rendimento no Brasil, competindo em nível nacional, tornou-se um alvo mais fácil para os comentários que se remetem ao estigma e preconceito às pessoas transexuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso de ódio e da intolerância tem permeado as redes sociais, disseminando formas de desqualificar qualquer que possua pensamentos divergentes daquilo que é normalmente aceito, isto é, os padrões sociais estabelecidos. No caso da questão de identidade de gênero, o trato com as pessoas transexuais evidencia que o estigma e o preconceito se fazem presentes nas falas de sujeitos sociais em redes sociais, notadamente, na comunidade “Quebrando o tabu” na rede social Facebook.

Os comentários expressos (linguagem verbal) demonstraram que a inserção de atletas transexuais no universo esportivo e o caso da jogadora Tiffany é polêmica, engendrando falas muitas vezes cruéis para com a jogadora, mas que acabam por se estender às pessoas transexuais.

O processo de estigmatização está presente em todos os contextos da sociedade, incluindo o esporte. Nesse cenário são construídos alguns estereótipos de atletas, onde as pessoas dissonantes, como o caso da atleta Tiffany, acabam por sofrer e serem menosprezadas por causa desses estigmas, sobretudo ao não compreenderem a identidade de gênero, confundindo essa categoria com a conceituação sobre sexo e orientação sexual. Essas situações acabam por influenciar e marcar negativamente a vida dessas pessoas.

Por outro lado, o esporte vem demonstrando a necessidade de rever alguns preceitos quanto à participação de atletas transexuais em competições internacionais e nacionais. E igualmente tem afirmado que o discurso (falas estigmatizadoras e preconceituosas) acerca das atletas transexuais está pautado em desconhecimento técnico e especializado sobre a participação dessas atletas.

Todavia, ainda que se verifique a existência de posicionamentos favoráveis à inclusão de atletas transexuais no esporte, o teor dos comentários expressos demonstra que esta temática ainda se constitui como um tabu para a sociedade, especificamente a brasileira.

Embora a política brasileira tenha analisado e discutido sobre projetos de políticas públicas para pessoas transexuais, ainda compreendemos que a discriminação a esses grupos minoritários são históricas e que percorrerá um tempo até que a sociedade compreenda a pluralidade de manifestações de identidades de gênero, sexo, orientação sexual e outras. Mesmo com o julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO-26) e do Mandado de Injunção (MI-4733) enquadrando a LGBTIfobia como crime de racismo, ainda há atores e instituições políticas propondo projetos de lei determinando o sexo como único e exclusivo critério para categorização no esporte. Situação que ofende a dignidade e direitos humanos a esse espaço.

Fato é que LGBTIfobia é cadente em nossa sociedade, tanto em ambientes virtuais – redes sociais – como na realidade, e medidas que venham a incluir pessoas transexuais, particularmente no universo esportivo, ainda geram polêmicas. No entanto, é importante lembrar que o esporte é um patrimônio histórico da humanidade, no qual todos/as têm o direito de acesso à prática, sendo assim, pode-se questionar o porquê de exclusão de pessoas com gênero dissonante ao esperado pela congruência entre o sexo anatômico e a performance social de gênero. Por fim, há a necessidade de mais estudos que colaboram para a compreensão sobre as pluralidades de identidades de gênero nos esportes.

The Tiffany Abreu case in the virtual community “Quebrando o Tabu”: between prejudice and stigma

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze the content of comments issued by participants in a publication on the page “Quebrando o Tabu”, particularly with regard to the stigma and prejudice about the case of volleyball player, Tiffany Abreu. The research is of a quantitative nature, using the Social Network Analysis on Facebook as a research method, where comments were collected in the publication about the entry of transgender people in sport during February 2018. Content Analysis, anchored in Bardin (2016), it was used as a methodological tool. The data were categorized using the NVivo11 software. The case of Tiffany Abreu became emblematic, generating repercussions on different social networks. It was evident, from the analysis learned, that derogatory comments were made, reinforcing normative standards, and spreading stigmatization and prejudice towards the player, especially regarding the gameplay and its legitimacy as a woman.

KEYWORDS: Transgender. Stigma. Social networks. Breaking the Taboo. Sports.

El caso de Tiffany Abreu en la comunidad virtual "Quebrando o Tabu": entre prejuicios y estigmas

RESUMEN

El objetivo de este documento es analizar el contenido de los comentarios emitidos por los participantes en una publicación en la página "Quebrando o Tabu", particularmente con respecto al estigma y los prejuicios sobre el caso del jugador de voleibol, Tiffany Abreu. La investigación es de carácter cuantitativo, utilizando el análisis de redes sociales en Facebook como método de investigación, donde se recopilaban comentarios en la publicación sobre la entrada de personas transgénero en el deporte durante febrero de 2018. Análisis de contenido, anclado en Bardin (2016), se utilizó como herramienta metodológica. Los datos fueron categorizados usando el software NVivo11. El caso de Tiffany Abreu se volvió emblemático, generando repercusiones en diferentes redes sociales. Fue evidente, a partir del análisis aprendido, que se hicieron comentarios despectivos, reforzando los estándares normativos y difundiendo la estigmatización y los prejuicios hacia el jugador, especialmente en relación con el juego y su legitimidad como mujer.

PALABRAS CLAVE: Transgénero. Estigma. Redes sociales. Quebrando o Tabu. Deportes.

NOTAS

¹ A transexualidade é uma das categorias organizadas a partir do “guarda-chuva transgênero”, segundo Lanz (2015). Entende-se que o termo transgênero é uma “[...] condição sociopolítica-cultural do indivíduo que transgredir o dispositivo binário de gênero [...]” (p. 70).

² A página “Quebrando o Tabu” (@quebrandootabu) se enquadra como empresa de mídia/notícias no Facebook.

³ O NVivo é uma ferramenta para análise qualitativa de textos, imagens, multimétodos e dados bibliográfico (ALVES; FIGUEIREDO FILHO; HENRIQUE, 2015) possuindo familiaridade com o *software* Word da *Microsoft*.

⁴ Optamos por utilizar a sigla LGBTI, porém, entendemos que há diversas expressões, como LGBT, LGBTQ, LGBTI+, LGBTQIA, entre outras.

REFERÊNCIAS

ALVES, Dáfni; FIGUEIREDO FILHO, Dalson; HENRIQUE, Anderson. O Poderoso NVivo: uma introdução a partir da análise de conteúdo. **Revista Política Hoje-2a Edição**, Pernambuco, v. 24, p. 119-134, 2015.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. 3ª reimp. da 1.ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRAGA, Renê Moraes da Costa. A indústria das fakenews e o discurso de ódio. In: PEREIRA, Rodolfo Viana (Org.). **Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio**: volume I. Belo Horizonte: Instituto para o Desenvolvimento Democrático, 2018. p. 203-220

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CUNHA, Renata Silva; DOS SANTOS, Marco Aurélio Moura. Violência simbólica nas redes sociais: incitação à violência coletiva (linchamento). In: **Congresso Brasileiro de Direito da Sociedade da Informação**. 2014. p. 10-22.

DA SILVA, Rodrigo Gonçalves Lima Borges; BEZERRA, Waldez Cavalcante; DE QUEIROZ, Sandra Bomfim. Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 364-372, 2015.

DA SILVA, Maria Raylland Nazário; MOURA, Stephanney K. M. S. F.; LOPES, Diego Trindade. Preconceito no esporte: casos do voleibol. **Revista Campo do Saber**, v. 4, n. 1, 2018.

DE BRITO, Leandro Teofilo; PONTES, Vanessa Silva; PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa. Masculinidades queer no voleibol -revisitando "TheIron Ladies". **Textura-Ulbra**, Canoas, v. 18, n. 38, 2016.

DE CAMARGO, Wagner Xavier. Considerações antropológicas sobre sexualidades e masculinidades no esporte. **Revista de @ntropologia da UFSCar**, São Carlos, v. 6, n. 1, p. 41-62, 2014.

DOS ANJOS, Luiza Aguiar; GOELLNER, Silvana Vilodre. Esporte e transgeneridade: corpos, gêneros e sexualidades plurais. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Illeana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Org.). **Educação física e sexualidade: desafios educacionais**. 1. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2017. p.51-72. (Coleção Educação Física).

FLEURY, Alessandra Ramos Demito; TORRES, Ana Raquel Rosas. **Homossexualidade e preconceito: o que pensam os futuros gestores de pessoas**. Curitiba: Juruá, 2010.

FREEMAN, Linton C. Some antecedents of social network analysis. **Connections**, v. 19, n. 1, p. 39-42, 1996.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

IOC. InternationalOlympicCommittee. **IOC Consensus Meeting on Sex Reassignment and Hyperandrogenism**. InternationalOlympicCommittee. Lausanne, Switzerland: InternationalOlympicCommittee, 2015. Disponível em: https://stillmed.olympic.org/Documents/Commissions_PDFfiles/Medical_commission/2015-11_ioc_consensus_meeting_on_sex_reassignment_and_hyperandrogenism-en.pdf. Acesso em: 07 jan 2018.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Transgente, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MORERA, Jaime Alonso Caravaca; PADILHA, Maria Itayra. Transexualidades: os rostos do estigma e da exclusão social. **Em tese**, v. 13, n. 1, p. 120-140, 2016.

QUEBRANDO O TABU. E esse é o caso de Tiffany. Porém, não deixa de ser um caso complexo. Você tem alguma opinião?. 2018. Disponível em: <https://www.Facebook.com/quebrandootabu/posts/uma-pol%C3%AAmica->

[compreens%C3%ADvel-mas-o-fato-%C3%A9-que-depois-de-pesquisas-com-m%C3%A9dicos-espo/1781103438612702/](#). Acesso em: 01 fev 2018.

SCHILLING, Flávia; MIYASHIRO, Sandra Galdino. Como incluir? O debate sobre o preconceito e o estigma na atualidade. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 34, n. 2, p. 243-254, 2008.

SOARES, João Paulo Fernandes; MOURÃO, Ludmila. "Corpos que escapam": performatividades de gêneros, sexualidade e a abjeção no levantamento de peso. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Illeana; SCHWENGBER, Maria Simone Vione (Org.). **Educação física e sexualidade: desafios educacionais**. 1. ed. Ijuí: Unijuí, 2017. p. 73-94. (Coleção Educação Física).

WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine. **Social network analysis: methods and applications**. Structural Analysis in the Social Sciences. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

Recebido: 30/04/2020.

Aprovado: 21/07/2020.

DOI: 10.3895/cgt.v14n44.12157.

Como citar: IWAMOTO, Thiago Camargo; ALMEIDA, Dulce Maria Filgueira de. O caso Tiffany Abreu na comunidade "Quebrando o Tabu": entre o preconceito e o estigma. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 44, p. 582-598, jul./dez. 2021.. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Thiago Camargo Iwamoto

Rua GB-08, 115, Condomínio Parque Ipê, Casa 181, Goiânia, Goiás, Brasil.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

